

A PONTE ABSTRACTA

por

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

Uma sociedade de diplomados em engenharia construiu um dia uma interessante ponte com várias inovações técnicas e estéticas muito curiosas. A ponte não funcionava, porque não chegava a unir as duas margens do vale. Os engenheiros, muito ufanos da sua obra, juntaram-se a um canto para ouvir os elogios dos admiradores.

Os primeiros viajantes que chegaram e viram que a ponte não dava passagem retiraram-se apressadamente à procura de outra via de trânsito, e a ponte ficou no seu esplêndido isolamento, brilhando gloriosamente ao sol. Até que os autores da obra prima, avistando um desgarrado viandante que não tinha sido prevenido, resolveram dirigir-lhe a palavra:

— Pois que tal te parece a nossa obra ?

— Vossa ? Então vocês é que são os autores daquilo ?

— Nós, para que o saibas. E que te parece ?

— A mim parece-me que não consegui passar. Aquilo é o quê ? Ponte não é com certeza, porque não se pode atravessar.

Qual foi a vossa ideia, afinal ?

— Não é ponte ? Ó alma simplista ! E que sabes tu de pontes para assim falares ? Quem te manda abrir o bico para discretar do que não sabes ? Já se viu o atrevimento !

— Não vos exalteis, senhores. Eu sou pouco ambicioso, e a minha única pretensão era passar para o outro lado. Era uma coisa tão simples... e não consegui.

— O que te perde é a ignorância, bom homem. Precisas de muito estudo para comprehenderes as coisas. O que te vale é nós sermos comprehensivos, e termos pena de ti... Vamos abrir o teu entendimento, explicar a teoria e a técnica da ponte, para poderes no fim admirar a nossa obra — obra prima, fica sabendo, que nem todos alcançam. Aprende, pois, que, segundo as mais modernas teorias da escola parisiense de pontes e calçadas, uma obra de engenharia deve obedecer aos seguintes requisitos: primeiro...

— Perdão, senhores. Vim para passar e não para ouvir um curso. Não sou engenheiro, nem pretendo sê-lo. E estou com pressa, porque tenho hora marcada no outro lado.

— Cala-te, vilão, e escuta. Deves ouvir-nos com respeito porque nós é que somos engenheiros. Tivemos muito trabalho com esta obra; passámos noites perdidas a fazer cálculos. Queres ver?

(E desenrolou uma tira realmente impressionante, pelo comprimento, de contas e perfis).

— Mas...

— Escuta, ingrato. Só a estilização que isto representa! Repara no friso que corre por baixo do rebordo — vê como é local, sem deixar de ser moderno. É uma adaptação do manuelino. Só isto o que não vale? E a unidade da estrutura? E a audácia das curvas? Isto não se paga? Isto não se admira? E é isto que tu não vês, selvagem: este tesouro de saber, de estudo, de técnica, de inspiração! Fica um pouco connosco, para te cultivarmos e te fazermos mudar de opinião.

— Não. Tenho pressa. E francamente os vossos cálculos, planos e insónias interessam-me muito pouco. Mas já agora: porque não experimentam os senhores atravessar a ponte?

— Decididamente a tua ignorância não tem limites! Então compete-nos a nós atravessar a ponte ou fazê-la? Não conheces ao menos a lei fundamental da divisão do trabalho? Não sabes que compete a uns fazer a ponte e a outros passar por ela? E deixa-me dizer-te, que o nosso trabalho é o mais nobre e o mais necessário.

— O mais necessário? Necessário porquê e para quê, necessário para quem? Quem se serve disto?

— Claro. Não percebes, que havemos de te fazer? Vê se compreendes que uma ponte tem os seus valores próprios, é de certa maneira independente do espaço e do tempo. Tenta ver a coisa ao contrário: a ponte não é feita para o homem, mas o homem para a ponte. Até é bom que a nossa ponte não dê passagem, porque isso permite realçar o seu valor universal e combater a mentalidade utilitária daqueles que não sabem apreciar o *quid* estético que uma ponte contém.

— Senhores engenheiros, vou-me embora. Não tenho nada a fazer aqui, e preciso de me apressar, a ver se encontro ao menos duas tábuas aplainadas por onde possa achar caminho. Garanto-vos que quem quer que se lembrasse de atravessar uma simples árvore sobre o rio me seria muito mais útil do que vós com todo os vossos cálculos e planos. Adeus.

Os engenheiros entreolharam-se. Inútil, completamente inútil querer converter aquele simplório. E era pena, pois que precisamente por ser simplório é que ele precisava de ser cultivado e educado.

— Lamentamos e desculpamos a tua simplicidade — disseram por fim.

— Agradeço. Mas por vossa causa perdi tempo que não tenho. A vossa ponte não serve para passar, mas serve para complicar o caminho aos desprevidos. Em nome dos viandantes, senhores engenheiros, peço-vos que exerciteis o vosso engenho e a vossa subtileza jogando antes a canasta uns com os outros. Podeis crer que fareis um grande serviço.

A indignação dos engenheiros não se descreve.